

## **Pernoitas em Mim**

pernoitas em mim  
e se por acaso te toco a memória... amas  
ou finges morrer

pressinto o aroma luminoso dos fogos  
escuto o rumor da terra molhada  
a fala queimada das estrelas

é noite ainda  
o corpo ausente instala-se vagarosamente  
envelheço com a nómada solidão das aves

já não possuo a brancura oculta das palavras  
e nenhum lume irrompe para beberes

## **Os Amigos**

no regresso encontrei aqueles  
que haviam estendido o sedento corpo  
sobre infindáveis areias

tinham os gestos lentos das feras amansadas  
e o mar iluminava-lhes as máscaras  
esculpidas pelo dedo errante da noite

prendiam sóis nos cabelos entrançados  
lentamente  
moldavam o rosto lívido como um osso  
mas estavam vivos quando lhes toquei  
depois  
a solidão transformou-os de novo em dor  
e nenhum quis pernoitar na respiração  
do lume

ofereci-lhes mel e ensinei-os a escutar  
a flor que murcha no estremecer da luz  
levei-os comigo  
até onde o perfume insensato de um poema  
os transmudou em remota e resignada ausência

## **Visita-me Enquanto não Envelheço**

visita-me enquanto não envelheço  
toma estas palavras cheias de medo e surpreende-me  
com teu rosto de Modigliani suicidado

tenho uma varanda ampla cheia de malvas  
e o marulhar das noites povoadas de peixes voadores

ver-me antes que a bruma contamine os alicerces  
as pedras nacaradas deste vulcão a lava do desejo  
subindo à boca sulfurosa dos espelhos

antes que desperte em mim o grito  
dalguma terna Jeanne Hébuterne a paixão  
derrama-se quando tua ausência se prende às veias  
prontas a esvaziarem-se do rubro ouro

perco-te no sono das marítimas paisagens  
estas feridas de barro e quartzo  
os olhos escancarados para a infindável água

com teu sabor de açúcar queimado em redor da noite  
sonhar perto do coração que não sabe como tocar-te

## **Corpo**

corpo  
que te seja leve o peso das estrelas  
e de tua boca irrompa a inocência nua  
dum lírio cujo caule se estende e  
ramifica para lá dos alicerces da casa

abre a janela debruça-te  
deixa que o mar inunde os órgãos do corpo  
espalha lume na ponta dos dedos e toca  
ao de leve aquilo que deve ser preservado

mas olho para as mãos e leio  
o que o vento norte escreveu sobre as dunas

levanto-me do fundo de ti humilde lama  
e num soluço da respiração sei que estou vivo  
sou o centro sísmico do mundo

## **Se um Dia a Juventude Voltasse**

se um dia a juventude voltasse  
na pele das serpentes atravessaria toda a memória  
com a língua em teus cabelos dormiria no sossego  
da noite transformada em pássaro de lume cortante  
como a navalha de vidro que nos sinaliza a vida

sulcaria com as unhas o medo de te perder... eu  
veleiro sem madrugadas nem promessas nem riqueza  
apenas um vazio sem dimensão nas algibeiras  
porque só aquele que nada possui e tudo partilhou  
pode devassar a noite doutros corpos inocentes  
sem se ferir no esplendor breve do amor

depois... mudaria de nome de casa de cidade de rio  
de noite visitaria amigos que pouco dormem e têm gatos  
mas aconteça o que tem de acontecer  
não estou triste não tenho projectos nem ambições  
guardo a fera que segrega a insónia e solta os ventos  
espalho a saliva das visões pela demorada noite  
onde deambula a melancolia lunar do corpo

mas se a juventude viesse novamente do fundo de mim  
com suas raízes de escamas em forma de coração  
e me chegasse à boca a sombra do rosto esquecido  
pegaria sem hesitações no leme do frágil barco... eu  
humilde e cansado piloto  
que só de te sonhar me morro de aflição

### **A Invisibilidade de Deus**

dizem que em sua boca se realiza a flor  
outros afirmam:  
a sua invisibilidade é aparente  
mas nunca toquei deus nesta escama de peixe  
onde podemos compreender todos os oceanos  
nunca tive a visão de sua bondosa mão

o certo  
é que por vezes morremos magros até ao osso  
sem amparo e sem deus  
apenas um rosto muito belo surge etéreo  
na vasta insónia que nos isolou do mundo  
e sorri  
dizendo que nos amou algumas vezes  
mas não é o rosto de deus  
nem o teu nem aquele outro  
que durante anos permaneceu ausente  
e o tempo revelou não ser o meu

.....

[...] É preciso repensar a nossa vida. Repensar a cafeteira do café, de que nos servimos de manhã, e repensar uma grande parte do nosso lugar no universo. Talvez isso tenha a ver com a posição do escritor, que é uma posição universal, no lugar de Deus, acima da condição humana, a nomear as coisas para que elas existam. Para que elas possam existir... Isto tem a ver com o poeta, sobretudo, que é um demiurgo. Ou tem esse lado. Numa forma simples, essa maneira de redimensionar o mundo passa por um aspecto muito profundo, que não tem nada a ver com aquilo que existe à flor da pele. Tem a ver com uma experiência radical do mundo.

Por exemplo, com aquela que eu faço de vez em quando, que é passar três dias como se fosse cego. Por mais atento que se seja, há sempre coisas que nos escapam e que só podemos conhecer de outra maneira, através dos outros sentidos, que estão menos treinados... Reconhecer a casa através de outros sentidos, como o tacto, por exemplo. Isso é outra dimensão, dá outra profundidade. E a casa é sempre o centro e o sentido do mundo. A partir daí, da casa, percebe-se tudo. Tudo. O mundo todo. [...]

[...] Será que nos resta muito depois disto tudo, destes dias assim, deste não-futuro que a gente vive? (...) Bom, tudo seria mais fácil se eu tivesse um curso, um motorista a conduzir o meu carro, e usasse gravatas sempre. Às vezes uso, mas é diferente usar uma gravata no pescoço e usá-la na cabeça. Tudo aconteceu a partir do momento em que eu perdi a noção dos valores. Todos os valores se me gastaram, mesmo à minha frente. O dinheiro gasta-se, o corpo gasta-se. A memória. (...) Não me atrai ser banqueiro, ter dinheiro. Há

*peessoas diferentes. Atrai-me o outro lado da vida, o outro lado do mar, alguma coisa perfeita, um dia que tenha uma manhã com muito orvalho, restos de geada... De resto, não tenho grandes projectos. Acho que o planeta está perdido e que, provavelmente, a hipótese de António José Saraiva está certa: é melhor que isto se estrague mais um bocadinho, para ver se as pessoas têm mais tempo para olhar para os outros. [...]*

em Entrevista à revista *Ler*, 1989